Informativo do Saber

Unindo parcerias

Setembro/Outubro 2015

Informativo do Projeto Saber para Cuidar - Cehmob-MG - nº 10 - Ano 2

foto: SXC.Hu

Editorial

A realidade que queremos

Por Cláudia do Couto, psicóloga e coordenadora do Processo de Sensibilização do Saber para Cuidar.

Paulo Freire acreditava na capacidade do homem de criar uma realidade na qual "opressores e oprimidos se façam de fato, livres dos elos aprisionantes do preconceito, discriminação e injustiça". Nós, do Saber para Cuidar, também. E pensamos que esta realidade começa na busca de cada um por crescimento. Uma participação cidadã, na esfera social e política, passa pelo entendimento e valorização da pluralidade cultural do país. Requer posicionamento contra qualquer discriminação: social, religiosa, de gênero e etnia!

A doença falciforme apresenta um claro recorte étnico e nesta edição falaremos disto. O informativo também marca uma transição do projeto na Secretaria Estadual de Educação. Continuamos sob a Superintendência de modalidades e temáticas especiais de ensino, mas nos despedimos da equipe da Diretoria de Educação Especial, que caminhou conosco desde o início e nos ajudou a formatar o Saber, e damos as boas-vindas à Equipe de Educação para as Relações Étnico-Raciais e Quilombolas. Unindo esforços, não há sonho impossível e realidade que não se transforme. Uma realidade de atenção integral a todos!

Nesta Edição

Doença Falciforme
Linha de Cuidados
na Atenção Primária à Saúde

Conheça o projeto Linha de Cuidados...
Página 2

...E a Associação de Pessoas com Doença Falciforme, a Dreminas
Página 4

A Cara do Saber

(arquivo pessoal)

Paula Cambraia Vianna – Enfermeira e professora aposentada da UFMG

Durante o período em que fui Pró-Reitora adjunta de Extensão da UFMG (2006-2010) tive um contato bem próximo com o Nupad (Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina). Quando apresentávamos as ações de extensão, brincávamos que "toda criança em MG nasce com o pezinho na UFMG", em razão dos programas do Nupad, responsável, entre outras ações, pelo teste do pezinho no estado.

Hoje, como vice-diretora da Magistra (Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores do estado de Minas Gerais), convivo com os professores e as dificuldades enfrentadas por eles nas escolas.

Nos eventos presenciais, oferecemos diversos minicursos para os educadores. Quando começamos a disponibilizar o curso sobre doença falciforme, percebemos que não havia muito interesse por parte deles. E falávamos sobre a importância do tema para a escola.

A inserção da doença falciforme nos seminários presenciais e a oferta de cursos na Plataforma Virtual da Magistra têm modificado o olhar e a ação dos educadores junto às crianças com a doença.

Nesta perspectiva, a educação se torna inclusiva e, assim, mais humanizada e cidadã.

Projeto

Doença Falciforme: Linha de Cuidados na Atenção Primária à Saúde

Por Katy Diniz, gestora de Serviços de Saúde e assistente administrativo do Linha de Cuidados.

A doença falciforme (DF) é a doença hereditária mais comum no Brasil, sendo considerada problema de saúde pública. A cada ano nascem 3.500 crianças com a doença e, sem o devido tratamento, apenas 20% atingem os cinco anos. Em MG, a cada 1.400 nascidos, um tem a doença. Neste cenário, percebeu-se que os profissionais de saúde não reconhecem a DF e as ações assistenciais demandadas pela pessoa com a doença.

O projeto **Doença Falciforme: Linha de cuidados na Atenção Primária à Saúde** (APS), criado em 2008 pelo Cehmob-MG, busca fortalecer a capacidade técnica e política dos profissionais e equipes das Unidades Básicas de Saúde em DF e melhorar a assistência às pessoas com a doença. Gestores regionais e municipais são sensibilizados sobre a importância da capacitação e indicam profissionais da APS de nível superior para o curso a distância.

Personagens do Linha de Cuidados EaD.

O curso, de 90h (três meses), traz temas como: ações de vigilância à saúde da criança, adolescente e adulto, eventos agudos e promoção de ações educativas. A metodologia baseia-se em estudos de casos e atividades em grupo para reflexão das práticas profissionais, construção de conhecimento e propostas de melhorias na atenção à pessoa com DF. O profissional aprovado torna-se um facilitador e é estimulado a criar estratégias educativas para sua equipe de trabalho.

Entre 2010-2015 já foram capacitados 888 profissionais de MG e mais de 40 na Bahia. Para o segundo semestre deste ano está prevista a capacitação de outros 200.

Informe-se

Doença falciforme e o preconceito no contexto escolar

Por Jonatan Junio, estagiário de psicologia, e Cláudia do Couto, psicóloga (Cehmob-MG).

A doença falciforme (DF) é uma doença genética originária da África. Ela surgiu de uma mutação genética sofrida pelo organismo de algumas pessoas para "se proteger" da crescente epidemia de malária (doença transmitida por um mosquito e causadora de milhões de mortes) que assolava o continente.

Por ser nativa do continente africano, a maioria das pessoas com a DF são negras. Mas ela não é uma doença exclusiva do negro. Caso o surto de malária tivesse acontecido em um país onde a maioria dos indivíduos fosse de pele branca, a doença seria prevalente em indivíduos de pele branca. Com a miscigenação no Brasil, hoje é possível ver a doença em pessoas de toda cor. Assim, para pensarmos em assistência e qualidade de vida para a pessoa com DF, é preciso refletir as questões étnicas associadas à população afrodescendente.

Situação de bullying vivida por adolescente - Personagens do curso EaD do Saber para Cuidar

Em nosso país, o negro já nasce com um estigma imposto desde os antepassados: o de ser uma "raça inferior", escravizada e submissa a uma suposta "supremacia branca". Ao longo do tempo, ações afirmativas, por meio de leis, políticas e processos educacionais, vêm buscando garantir a igualdade a partir do acesso a diversos direitos que, durante anos, foi negado ao afrodescendente, como a educação. Acesso negado, muitas vezes indiretamente, pelo preconceito e questões socioeconômicas.

A escola como um recorte e, por isso, reflexo da sociedade, em alguns momentos ainda reproduz discursos e práticas preconceituosas e separatistas, categorizando e demarcando as pessoas pela condição física, tempo de aprendizagem e cor de pele. Essas situações vividas na infância têm um potencial devastador e podem influenciar toda a vida do indivíduo.

A esperança é que o contrário também é possível. Ações inclusivas, estímulo a uma boa autoestima e incentivos na vida acadêmica também podem marcar a vida das pessoas, contribuindo para um futuro mais produtivo e feliz.

O educador na heterogeneidade do seu campo de trabalho, como mediador do conhecimento, do desenvolvimento de consciência crítica e da cidadania consciente, deve se atentar e combater as práticas discriminativas. Hoje, o índice de evasão escolar de alunos que têm DF é alto e um dos motivos está atrelado ao preconceito que vem em diversas instâncias. Planejar e propor práticas educativas voltadas para esse tema é essencial.

Como diz Nelson Mandela: "*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta*".

Informe-se

Conheça a Dreminas

Por Theyte Moreira, assistente administrativo, e Paula Maia, assistente social (Dreminas).

A Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia de Belo Horizonte e Região Metropolitana **(Dreminas)** luta para que as pessoas com doença falciforme (DF) tenham acesso igualitário em qualquer espaço de direito. Como a escola é o primeiro local de socialização, é imprescindível mantermos uma parceria com ela, uma vez que o desconhecimento sobre a doença gera preconceito e pode até matar.

A DF é originária da África, portanto, ela acomete na sua maioria a população negra. Devido ao desconhecimento das características físicas que essas pessoas podem apresentar, como olhos amarelados e lento desenvolvimento físico, elas sofrem racismo e discriminação por grande parte da população.

Foto: Rafaella Arruda

Equipe Dreminas (Jul/2015): Theyte Moreira, Paula Maia e Zenó Soares

Em atendimentos já realizados pela Dreminas a pessoas com DF em idade escolar, é muito comum ouvir relatos de constrangimentos vivenciados na escola. O jovem C.D.S., 15 anos, vivencia na pele a discriminação. Por ter começado o tratamento tardiamente, o adolescente apresenta sequelas e as professoras o tratam de forma diferenciada, chegando a negar a sua entrada na sala de aula sem a medicação necessária. Também são comuns os casos em que os professores não deixam as crianças irem ao banheiro e as expõem em sala quando ficam sem ir à aula, o que pode ser frequente devido às intercorrências da doença e ao tratamento que requer realização de exames e consultas.

Entre os alunos sabe-se que algumas brincadeiras chegam a ser ofensivas, tornando primordial a atuação da escola e a mediação do professor. Considerando-se o tempo de escolarização na infância e juventude, onde muitas situações como essas são presenciadas, compreender a doença faz-se necessário para rompermos com os episódios de discriminação vividos pela pessoa com DF.

Junto ao Cehmob-MG, a Dreminas busca articular-se na escola para gerar estratégias de melhoria de acesso à educação. Entendemos a escola como uma porta de entrada para a inclusão social e, também, que sozinha não dará conta de promover cidadania e educação. E o Saber para Cuidar vem para fazer o diálogo entre saúde e educação, uma chance para que os profissionais conheçam a realidade sobre a doença e consigam intervir de forma transformadora na vida de nossos pacientes.

Você quer dividir conosco sua experiência na atenção à pessoa com doença falciforme? Escreva-nos no projetosaberparacuidar@gmail.com e envie uma foto. Quem sabe na próxima edição você participa conosco?

Expediente

Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG) – **Coordenação Geral:** José Nelio Januario e Mitiko Murao. **Coordenação Técnica do Saber para Cuidar:** doença falciforme na escola: Isabel Castro. **Redação:** Cláudia do Couto, Jonatan Junio, Katy Diniz, Paula Maia, Paula Vianna e Theyte Moreira. **Instituições realizadoras:** Ministério da Saúde, Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Fundação Hemominas. **Instituição parceira:** Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas). **Assessoria de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG:** Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP). **Edição**: Rafaella Arruda. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Luiz Romaniello. **Atendimento Publicitário:** Desirée Suzuki. **Boletim de circulação online:** www.cehmob.org.br. **Contato:** jornalismo@medicina.ufmg.br. **É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.**